

**CONSCIENTIZAÇÃO E  
AGROECOLOGIA: PROCESSOS  
EDUCATIVOS NA EFA PURIS DE  
ARAPONGA/MG**

*CONSCIENTIZATION AND  
AGROECOLOGY: EDUCATIONAL  
PROCESSES IN THE EFA PURIS OF  
ARAPONGA/MG*

*CONCIERTIZACIÓN Y AGROECOLOGÍA:  
PROCEDIMIENTOS EDUCATIVOS EN LA  
EFA PURIS DE ARAPONGA/MG*

**LUIZ HENRIQUE VIERA**

Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção  
Local Viçosa/MG.

E-mail: luizh.vieira@ugv.com

**Resumo:** O presente artigo retrata algumas reflexões e debates sobre as experiências em Agroecologia presentes na Escola Família Agrícola (EFA) Puris de Araponga, localizada na Zona da Mata do estado de Minas Gerais. Essa EFA oferece o curso de Ensino Médio integrado com curso de Agropecuária, com ênfase em Agroecologia desde 2008. Os processos de ensino e aprendizagem se dão na consonância do Tempo Escola com o Tempo Comunidade, constituindo assim a Pedagogia da Alternância. Concebemos que as interpretações sobre as perspectivas agroecológicas apresentam-se através de inúmeras expressões e possuem relevantes complexidades de elementos que nos ajudam a colocá-los em evidência. Buscamos ainda, relacionar as perspectivas dos/as monitores/as, vista através de entrevistas, com a produção acadêmica relacionada à temática do estudo. Percebemos que o processo de conscientização tanto dos monitores/as quanto dos/as educandos/as, sobre uma alimentação saudável e agroecológica é um dos objetivos da escola.

**Palavras-chave:** agroecologia, EFA Puris, alimentos, educação.

**Abstract:** This article presents reflections about the Agroecology experiences at the Agricultural Family School (EFA) Puris from Araponga, located in the Zona da Mata of Minas Gerais state. This EFA offers the High School curriculum integrated with an agricultural course, with an emphasis in Agroecology since 2008. The teaching and learning processes are given alternating School Time and Community Time, thus constituting the Pedagogy of Alternancy. We understand that the interpretations about agroecological perspectives are presented through innumerable expressions and have relevant complexities of elements that help us to put them in evidence. We also sought to relate the perspectives of the monitors, through interviews, and the academic production related to the subject of the study. We noticed that the process of raising awareness among both the monitors and the students about healthy and agroecological nutrition is one of the objectives of the school.

**Keywords:** agroecology, EFA Puris, food, education.

**Resumen:** El presente artículo retrata algunas reflexiones y debates sobre la Agroecología presente en la Escuela Familia Agrícola (EFA) Puris de Araponga, ubicada en la Zona de la Mata de Minas Gerais. Esta EFA ofrece el curso de Enseñanza Media integrado con el curso de Agropecuaria, con énfasis en Agroecología desde 2008. Los procesos de enseñanza y aprendizaje se dan en la consonancia del Tiempo Escolar con el Tiempo Comunidad, constituyendo así la Pedagogía de la Alternancia. Concebimos que las interpretaciones sobre las perspectivas agroecológicas se presentan a través de innumerables expresiones y poseen relevantes complejidades de elementos que nos ayudan a ponerlos en evidencia. Buscamos relacionar las perspectivas de los/las monitores/as, vista en las entrevistas, con la producción académica relacionada a la temática del estudio. Se percibe que el proceso de concientización tanto de los monitores/as como de los educandos/as, sobre una alimentación sana y agroecológica es uno de los objetivos de la escuela.

**Palabras clave:** agroecología, EFA Puris, comida, educación.

## Introdução

O presente artigo objetiva explicar sobre as experiências em Agroecologia da Escola Família Agrícola (EFA) Puris de Araponga

que está localizada na Comunidade Novo Horizonte-Córrego São Joaquim, na zona rural de Araponga, na mesorregião da Zona da Mata do estado de Minas Gerais. A escola é uma entidade civil, organizada para fins não econômicos, composta e gerida por diversas pessoas organizadas através da Associação Escola Família Agrícola Puris de Araponga (AEFA Puris).

No ambiente escolar, expressão da Educação do Campo do Brasil, é oferecido o Curso Técnico Profissionalizante em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância, com ênfase na Agroecologia. O nome “Puris” foi elaborado em homenagem a resistência dos povos da etnia que habitaram a região no qual alguns agricultores e agricultoras possuem laços de descendência. Essa referência se encontra presente também na logo da escola, elaborada em 2005, que possui detalhes diferenciados das demais EFAs, que são os povos da etnia Puri, presentes na imagem com vestimenta da cultura.

Educação e Agroecologia se expressam na matriz pedagógica e curricular da escola, sendo uma importante instituição de referência na região. Além das aulas, nela ocorrem oficinas, intercâmbios (nacionais e internacionais), estágios, palestras, projetos de pesquisa e extensão em parceria com a Universidade Federal de Viçosa que contribuem para o aprendizado de todos os profissionais e estudantes.

O artigo objetiva ainda trazer elementos de discussão no campo da educação, que dialoga com a Geografia, pois ainda é um assunto com reduzida publicação no âmbito da ciência geográfica se comparada a área das ciências agrárias.

## **Procedimentos metodológicos**

Metodologicamente, esse artigo foi elaborado a partir de vivências na escola, inclusive como educador, com base em revisão bibliográfica de literaturas correspondentes a discussão, com abordagem qualitativa. Soma-se ainda o uso de entrevistas semiestruturadas com monitores e monitoras da EFA Puris. As entrevistas objetivaram compreender as impressões das/dos educadoras/es em relação a agroecologia como matriz de conhecimento, pois ela é abordada em todos os campos disciplinares. Essas entrevistas geraram um volume de impressões que nos ajudaram a evidenciar as concepções e entendimentos em torno da agroecologia no processo de ensino aprendizagem.

Quando analisamos as entrevistas percebemos que nas trajetórias de vida dos sujeitos, há ligação com o campo e a Agroecologia sendo que esses, influenciam o “tato” de educador/a que cada um possui em sua singularidade. Essas trajetórias envolvem indissociavelmente espaço/tempo, ou seja, precisamos compreender os elementos no tempo em que eles estão imbricados, que por sua vez criam condições de tornar esse fato em conhecimento.

Além disso, foi realizado análises da Proposta Político Pedagógica (PPP) e do Regimento Escolar com intuito de identificar suas singularidades com o tema do artigo em tela.

## **Processos de constituição e organização da EFA PURIS**

Inicialmente, ponderamos que alguns momentos relevantes foram importantes para o processo de constituição da escola. Uma das principais ações foi a realização de um Seminário em 2002 com o título *“Educação do Campo no município de Orizânia, na Zona da*

*Mata de Minas Gerais*”, que foi um dos últimos marcos realizados para criação da EFA Puris. Nesse seminário foi discutido com vários sindicatos rurais, com a Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas (AMEFA) e com associações de agricultura familiar da região a necessidade de avançar no projeto de construção de uma EFA em Araponga.

A partir do diagnóstico, de encontros e reuniões com as comunidades, do seminário de Educação do Campo, e tendo se destacado a demanda de uma proposta educativa para os jovens do campo, foi proposta a criação de uma EFA em Araponga, que seria uma escola de Ensino Médio para atender jovens que tinham interrompido os estudos por falta de oportunidade (PACHECO, 2016, p. 28).

Foi em 03 de março de 2002 a data formal da criação da AEFA Puris, marco inicial que é fruto de desejo de anos anteriores da associação e de muitos agricultores/as da região. Diversas articulações foram necessárias para a implantação da escola, como construir o PPP, regularizar a documentação da propriedade e planejar a infraestrutura, construir o regimento interno, pensar o calendário da alternância, o plano de curso, projetar os locais das áreas experimentais em agroecologia, área de plantio de alimentos, contratar o quadro profissional e divulgar a escola. Ainda, no PPP (2008), destacam-se como objetivos da escola, trabalhar a Agroecologia e a Segurança Alimentar e Nutricional. Saindo do plano do documento escrito a primeira turma passa a frequentar a escola em fevereiro de 2008.

Nesse primeiro ano, foi no terreno de Dona Amélia e Seu Cosme, agricultores que participaram da primeira Conquista Coletiva de Terras em 1989, associados da AEFA Puris, onde iniciaram as atividades da escola em 11 de fevereiro de 2008, na qual as aulas eram ministradas à sombra abaixo de um pé de manga e

posteriormente em uma estrutura de bambu. Esse espaço foi organizado através de mutirões, envolvendo a primeira equipe de monitores da escola assim como membros da associação.

Nesse primeiro ano, 13 estudantes foram matriculados na escola. Cabe destacar, que a escola iniciou suas atividades mesmo sem estar com toda a documentação e trâmites burocráticos efetivados, não havia regularização na Prefeitura Municipal e nem na Superintendência Regional de Ensino de Ponte Nova. Uma questão relevante a ser ponderada era que em relação a alimentação na escola, foi relatado que:

No princípio o que a gente adquiria era o arroz que a gente não produz lá mais. As outras, vinham muito de doações que a gente tinha, tinha feijão de qualidade, feijão da agricultura familiar, das pessoas que não usavam agrotóxicos, pessoas que eram parceiros da escola. A parte de hortaliças e frutas, praticamente todas elas saía da produção do próprio Cosme e Amélia, que já não usavam agrotóxicos, desde há muitos anos, como a horta, mesmo que os estudantes, não tinham tempo de cuidar os próprios donos que é a Dona Amélia e Cosme cuidavam da horta. Então dificilmente faltavam essas hortaliças. E você tinha suco, você tinha uma forma de líquido né, todo suco era produzido, vinha de frutas que tinham na propriedade, você fazia muito isso (Monitor/a 1. Entrevista realizada pelo autor, agosto/2017).

Ainda nesse período inicial, poucos meses depois, ao mesmo tempo em que as aulas se iniciam na mangueira, se inicia a terraplanagem e as obras de construção da escola no atual lugar que a mesma se encontra. Em 2009 a primeira turma de 1º ano passa a frequentar as atuais estruturas juntamente com a turma anterior de 2008. Como desejo da comunidade, a escola seria construída no lugar que merecesse proteção e cuidados coletivos. Assim, a escola foi

construída ao lado de um fragmento de mata onde está localizada a nascente principal do córrego São Joaquim, que, em 2014, pela primeira vez passou a secar no período de estiagem.

Os cultivos de alimentos agroecológicos passam desde então a ser uma preocupação e prioridade, como percebemos abaixo na escrita das monitoras que desde o início do funcionamento compõem o quadro de educadoras da escola.

A escola mudou-se para esta sede encontrando o espaço (cedido pelo vizinho agricultor, técnico em agropecuária e apoiador da escola Romualdo José de Macedo) destinado para a horta em situação de degradação total. A máquina terraplanou toda a parte fértil quando foi preparar o local para construção da estrutura física, retirando os húmus deixando o solo completamente desprotegido e impróprio para o cultivo. Coube a escola junto com os jovens estudantes e Associação gestora da Escola observar a realidade, discutir estratégias, planejar e trabalhar ligeiro, pois a diversificação da alimentação dependia da produção da horta (DUARTE et al, 2013, p. 3).

A diversificação de cultivos, sem o uso de agrotóxicos, foi ao longo dos anos sendo ampliada na escola. A EFA Puris tem como um dos seus princípios trabalhar a agroecologia, inserida no currículo e como matriz de produção, levando em consideração os aspectos culturais, ambientais, sociais, de saúde, ético, de gênero e outros. A escola é uma referência, dentre outras instituições, quando se fala em experiências de agroecologia na Zona da Mata de Minas Gerais. Encontros, intercâmbios, atividades de extensão de universidades, passagens de caravanas, experimentos e oficinas eventualmente ocorrem na escola. Diversos estudantes também trabalham nessas perspectivas em suas comunidades e outros, devido a diversos fatores numa sociedade desigual e contraditória, não trabalham com os

princípios agroecológicos, indo trabalhar na perspectiva convencional, principalmente nas lavouras de café.

Os estudantes ficam em período integral, pernoitam na escola durante 15 dias em um alojamento feminino e um masculino nas dependências da escola. Na primeira semana, as aulas começam na segunda-feira e vão até o sábado, após isso passam o domingo em casa retornando na outra segunda-feira permanecendo na escola até a próxima sexta. As atividades se iniciam com a preparação do café da manhã, no qual participam estudantes e monitoras/es e vão até a noite com a atividade do Serão<sup>1</sup> ou seja, o funcionamento das atividades se dá entre as 6:00 até as 22:00 horas. Ao menos um monitor e uma monitora pernoitam na escola durante os dias que a sessão escolar está ocorrendo.

Em cada sessão escolar temos estudantes que são responsáveis por diversas tarefas como regar e manejar a horta e o pomar, cuidar dos animais<sup>2</sup>, se responsabilizar pela limpeza das dependências dentre outros afazeres do cotidiano.

Em todas as turmas, as aulas são realizadas sobre a disposição circular, onde cada estudante, lado a lado com o outro, se encontra de forma horizontal com o debate proposto na aula com o/a respectivo/a monitor/a. Cabe destacar que nem todas as EFAs pelo Brasil trabalham nesse viés organizativo.

De 2008 a 2017, estiveram matriculados no 1º, 2º e 3º ano na EFA Puris 557 estudantes (ou 363 estudantes em números absolutos) de 62 comunidades em 17 municípios (16 em Minas Gerais e 1 em São Paulo). Logo conscientizar por meio da EFA Puris é um importante instrumento e é um processo significativo na formação

---

<sup>1</sup> O Serão é um dos Instrumentos Pedagógicos e ocorre das 19:30 as 21:30.

<sup>2</sup> Desde o início das atividades da escola, ocorreu a criação de aves, como galos e galinhas, peixes, porcos e coelho.



dos estudantes, filhos e filhas de agricultores/as que exercem influências em suas comunidades rurais.

### **Educação e Agroecologia**

A Pedagogia da Alternância baseia-se no processo permanente de interação-ação, reflexão e ação (SILVA, 2010, p. 185), ou na influência das palavras de Freire (1987, p.70) é teoria e prática, é reflexão e ação, o que denominava de que fazer, logo, é práxis. Portanto é pertinente refletir sobre as ações que perpassam o universo da Agroecologia na EFA Puris. Prontamente, é fundamental aprender e discutir os sentidos, símbolos e valores culturais relacionados a agroecologia na EFA. Aprender é construir, reconstruir, constatar para mudar (FREIRE, 1997, p. 77). Entendemos que a educação pode contribuir para refletir e reconstruir paradigmas socioambientais, pois compreendemos que a educação pode vir a ser uma forma de conscientização. Compartilhamos com a noção descrita por Freire (1967) que coloca que a consciência crítica é a representação de coisas e fatos na existência empírica, em suas correlações causais e circunstanciais integrada com a realidade.

Somente a “mais ampla das concepções de educação nos pode ajudar a perseguir o objetivo de uma mudança verdadeiramente radical, proporcionando instrumentos de pressão que rompem com a lógica mistificadora do capital” (MESZÁROS, 2005, p. 48). Agricultura, alimentos e alimentação hoje são temas de debates globais, sendo assim, é relevante compreender como questões que envolvem essas realidades são abordadas de forma plural entre os sujeitos que participam e constroem a cotidiano escolar, que através

de experiências práticas demonstram como é possível traçar caminhos para mudanças.

A produção do conhecimento ao longo do Ensino Médio, integrado ao curso técnico em agropecuária, com ênfase em agroecologia perpassa, processualmente, em diversos âmbitos em saberes populares ligados a terra.

Partimos do pressuposto de que os saberes em torno da agroecologia, seja por parte dos/as monitores/as, estudantes, cozinheiras ou membros da associação, se cruzam e são parte constituinte dos processos construídos pela Pedagogia da Alternância na EFA Puris. Esses saberes se relacionam com a cultura popular e cotidiano das relações estabelecidas em seu entorno. Freire (1987) nos indica que educação e política são vistas como unidades indissociáveis na busca de liberdade, logo produz saberes, que no debate acerca da agroecologia se torna um espaço de politização, visto que esses não deixam de estar inseridos numa lógica de relação local-global. Os conhecimentos se constituem numa relação dos seres humanos, parte da natureza com o mundo. Essas relações de transformações “se aperfeiçoam na problematização crítica dessas relações” (FREIRE, 1977, p. 36).

Um dos objetivos da EFA é conceber a produção e manejo dos alimentos de acordo com a característica da região diminuindo a dependência de produtos e insumos externos. Percebe-se que nossa alimentação não mais vem apenas dos lugares mais próximos, mas está relacionado a uma cadeia comercial globalizada. Nas últimas décadas as ciências e as tecnologias alteraram o padrão de vida e da alimentação da população do planeta.

As novas técnicas agrícolas advindas da Revolução Verde e sua tendência de transformar o máximo da nossa alimentação

dependente das indústrias com processos químicos e de artificialização de sabores e ingredientes, acabaram contribuindo para o afastamento da relação sociedade e natureza (LEFF, 2002a; PORTO-GONÇALVES, 2006), relação essa tão debatida na agroecologia, campo este onde também se inserem as EFAs. Com a entrada da indústria química e de maquinários pesados na produção alimentar, os alimentos passam a serem produzidos a partir de uma ótica industrial, com parâmetros, selos, fiscalização, aditivos químicos (corantes e conservantes), rotulação, definidos sobre a égide de uma economia internacional que muitas vezes subalterniza e sobrepõem as relações locais. Antagonicamente, a agroecologia constitui-se em

Um conjunto de conhecimentos, técnicas e saberes que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização financeira da agricultura (LEFF, 2002a, p. 42).

A chamada Revolução Verde pode ser compreendida como um período onde se inicia as práticas “desecologizadas” e “desculturalizadas” citadas acima. Por sua vez, as práticas alimentares nas relações da agricultura familiar e agroecológica evidenciam a manutenção de cultura e hábitos, aprendizados, trocas, mutirões, reciprocidade e qualidade de vida. Saberes, de diversas ordens, são oriundos das práticas alimentares assim como muitas práticas alimentares são frutos de saberes, conformando assim um ciclo de conhecimento que se resignifica de acordo com o contexto sociocultural no qual estão inseridos.

Na escola, as questões dos alimentos e da agroecologia são trabalhadas a partir dos Instrumentos Pedagógicos (IP) da

Pedagogia da Alternância, especialmente em alguns Planos de Estudos (PE) que trazem essa questão mais próxima da realidade dos educandos.

Zanelli (2009) foi um dos primeiros autores, sendo o primeiro monitor de Geografia da EFA Puris, a sistematizar a experiência construída, evidenciando a origem e as consequências dos processos sociais de caráter educativo, buscando ligação entre o território e a territorialidade camponesa, enfocando a agroecologia através de organizações populares. Além do trabalho de graduação do autor, de acordo com os arquivos da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, foram produzidos mais quatro trabalhos no âmbito da pós-graduação relacionado a escola, elaborados por Ferrari (2011), Barduni Filho (2012), Oliveira (2014) e Vieira (2018).

Oliveira (2014) destaca que a EFA Puris foi a primeira EFA no Brasil a ter como disciplina a agroecologia inserida no currículo. Mesmo que outras EFAs enfatizem a agroecologia em seus manejos, a disciplina se chama agricultura. No Vale do Jequitinhonha, temos uma escola com características peculiares, é a Escola Família Agroecológica (e não agrícola) que por si é uma ruptura epistêmica retratando o modo de se fazer agricultura, uma nomenclatura que enfatiza a agroecologia, destacando-se com experiências exitosas em seus espaços de atuação. A agroecologia territorializa-se via procedimentos e ferramentas da educação e através do vínculo entre escola, família, comunidade e mundo do trabalho (EFA PURIS, 2009) e pode-se fortalecer essa relação com mais fundamentos.

Compreendemos que a constituição da EFA Puris, ainda em andamento, configura-se como um projeto educativo diferenciado no qual é

Simbolizado pela educação dos e por meio dos movimentos sociais populares. As expressões “povo sujeito de sua história” (marco ontológico); “conscientização”, “organização”, “protagonismo popular” e “transformação” (marco político e da finalidade da educação); e os métodos prática-teoria-prática, ver-julgar-agir e ação-reflexão-ação (marco epistemológico e pedagógico) representam a orientação das práticas educativas (PALUDO, 2012, p. 282).

Percebemos esses marcos enunciados pelo autor no fazer cotidiano das relações entre a escola com a comunidade e demais organizações parceiras que estabelecem trabalhos na EFA. São marcos de intencionalidade onde se coloca o desejo de transformação. Freire (1979) admitia a utopia como realidade concebível, na qual se exige o conhecimento crítico para promovê-la. Os sentidos e caminhos que a escola promove, nesse contexto, deve se antecipar, em seu raio local e comunitário, e experimentar possibilidades na realidade do projeto educativo de sociedade que se sonha, é o inédito viável (FREIRE, 1987).

A EFA Puris, apesar de possuir particularidades que a diferencia das outras, possui um princípio em comum com diversos outros Centros Familiares de Formação em Alternância (CEFFAS)<sup>3</sup> pelo país, que é a agroecologia. Logo, o alimento se torna uma das questões chaves de debate. Desde sua fundação a agroecologia sempre esteve no foco, mas inicialmente o contexto era mais difícil de se trabalhar, pois desde 2009 onde a escola começou a funcionar na atual sede, o solo teve de ser muito trabalhado, adubado e plantado através de rotação de culturas.

---

<sup>3</sup> Destacamos aqui, que no universo dos CEFFAs no Brasil encontramos experiências que não trabalham diretamente com a agroecologia, indo ao encontro de práticas que se aproximam do empreendedorismo do agronegócio.

Até a própria questão de discutir a agroecologia, como que nós vamos discutir agroecologia se nosso terreno nem produzir produzia? Então você tem de fazer todo um trabalho de conscientização de envolvimento de resgatar, de formação para gente chegar naquilo que tá ali né, hoje a gente já tem muita coisa, não tá perfeito, mas é uma conquista, uma luta de construção, então tudo que tá ali, foi pensado para chegar onde está, não quer dizer que está tudo correto, muitas vezes essa era a condição que a gente dispunha naquele momento. Então as coisas vão é mudando com o tempo, então a gente está num caminho interessante. Está longe do ideal (Monitor/a 2. Entrevista realizada pelo autor, agosto/2017).

De acordo com a fala dos monitores que estão desde o princípio da escola, era grande a preocupação em demonstrar no currículo, através de áreas experimentais, como trabalhar a agroecologia e os processos técnicos de transição, para não se restringir apenas a fala. Além disso, compartilhamos do princípio de conceber a agroecologia

Não só na produção de alimentos, mas com relação ao cuidado com o ambiente como um todo que é o cuidado com a água, cuidado com as nascentes, com o que eu vou comer, cuidado com as aves e o cuidado também com o ser humano. Ai que está relacionado a questão de gênero e geração, como é que eu sou agroecológico e como que eu relaciono com essa questão de geração? E como que é a relação minha com a questão de gênero, a respeito entre homens e mulheres? Então para mim agroecologia é isso, você tem de respeitar não só o espaço, o ambiente, mas também as pessoas, os seres viventes que estão ali, tem de ver ele como um todo. Agroecologia é uma saída para a mudança de vida em nosso país, e coloco mais uma coisinha, a partir de quando nós enquanto pessoas, buscar como alternativa de produção e cada um de nós buscar ter, por menor que seja, um pedacinho de

terra, para que possa ter sua moradia e também ali naquele pequeno espaço, produzir o seu alimento, aí nós vamos sair desse pacote de governos, que entram e saem e prejudicam a nossa situação enquanto vivente desse país que cria conflito muito grande. Por que tem de ter protesto, a partir do momento em que nós começarmos a produzir o nosso próprio alimento e trocar entre nós enquanto pessoas, com os vizinhos, nós vamos mudar esse país, a forma desse país ver nós enquanto população, por que nós vamos sair do controle deles. Por que até o momento nós estamos nas mãos deles, por que é o mercado que dita o preço (Monitor/a 1. Entrevista realizada pelo autor, agosto/2017).

Logo a agroecologia é uma questão que envolve a construção de uma nova racionalidade de mundo, sendo um processo educativo. É um processo de construção de conhecimento que se diferencia da lógica de transferência de informação ou práticas agrícolas, merecendo inclusive ainda avançar no plano de construção epistêmica, pois possui caráter multidisciplinar. Sobre isso, Altieri, uma das principais referências teóricas sobre a questão, afirma que a agroecologia não pode ser concebida de forma isolada pois é

Um campo de conhecimento de caráter multidisciplinar que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias que nos permitem estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas (...) os processos biológicos e as relações sócio-econômicas, constituindo o lócus onde se pode buscar uma análise sistêmica e holística do conjunto destas relações e transformações (ALTIERI, 2004, p. 54).

A compreensão multidisciplinar sobre a agroecologia se constrói em diferentes momentos na EFA Puris. A partir do primeiro ano, inicia-se o debate, onde são relatados pelos estudantes o que eles compreendem sobre o assunto. Na semana de adaptação já é

apresentada pela equipe de monitores e monitoras da escola a proposta de se trabalhar o conteúdo técnico e os manejos na perspectiva agroecológica. Nesse momento aparecem percepções desde o desconhecimento pela questão até os depoimentos de estudantes que praticam a agroecologia em suas famílias.

O trabalho na horta agroecológica é feito minuciosamente ao menos duas vezes ao dia, seja pela simples irrigação ou pelos manejos, plantios e colheitas periódicos. As aulas práticas de agroecologia são realizadas nos canteiros da horta, no pomar, no cafezal ou em alguma Visita de Estudo<sup>4</sup> em alguma experiência em Araponga ou da região. Também ocorrem a presença de agricultores agroecológicos realizando alguma fala ou manejo na escola relacionado com alguma atividade dos IP. De 2008 a 2018 na EFA Puris, quatro monitores lecionaram a disciplina de Agroecologia<sup>5</sup>, todos com ampla vivência e conhecimento no assunto.

A agroecologia contribui no sentido de reinventar a escola, pois poucas escolas no Brasil, inclusive no campo, a pautam ou a utilizam como fonte de conhecimento e de experimentos. Destacamos então um dos desafios contemporâneos da Educação do Campo que é a possibilidade subalternizada da maiorias das escolas não adequarem seus currículos para compreender a agroecologia como matriz de conhecimento pois estão submetidas ao currículo do sistema de ensino.

Assim a agroecologia nos motiva a mudar nosso lugar de percepção de modo que produza elementos que tencionem a realidade

---

<sup>4</sup> As Visitas de Estudo são um dos IP. De acordo com o PPP (p.13, 2008) o objetivo desse instrumento é intercambiar experiências concretas que perpassam os conteúdos de ensino proporcionando a ato de comparar, interrogar-se, tirar conclusões e as lições que possam ajudar na melhoria da realidade social e profissional dos estudantes.

<sup>5</sup> O atual monitor de agroecologia é um estudante egresso da EFA Puris.



social e produza outros ambientes que não estão sob a égide da ordem hegemônica de poder de nossa sociedade. A prática educativa agroecológica se torna diferenciada e se destaca como contraponto ao modo convencional de fazer agricultura, tencionando assim elementos da realidade, uma vez que é sabido que muitos estudantes tiveram ou irão ter o primeiro contato com a agroecologia dentro da EFA, sendo assim uma novidade que precisa ser trabalhada aos poucos, de maneira lenta e gradual ao longo dos três anos do Ensino Médio, pois,

No contexto de quem vai para nossa escola, a grande maioria (...) vem do sistema convencional de produção, a maioria não acredita nesse termo agroecologia, nessa coisa de produção sem veneno, o primeiro momento da gente é apontarmos que existe e do convencimento, mas o convencimento do jovem ele acontece a partir de você demonstrar para ele alternativas viáveis, enquanto ele não percebe isso, na verdade é um embate, a maioria não acredita nisso, as próprias famílias não acreditam, as famílias trabalham com agrotóxicos, com transgênicos. Então assim, esse é o mundo real dos estudantes, é a minoria que chega dentro da escola com certa consciência, só que a medida que você vai trabalhando e mostrando as alternativas para eles, eles começam a visualizar isso com outro olhar, por que a maioria ali bate de frente mesmo que isso não existe, que não funciona. Ele só vai de fato dar conta de perceber isso muitas vezes no terceiro ano e as vezes até depois que saíram da escola. As vezes ele fica lá dentro, perpassa tudo isso e não consegue entender o universo que ele está inserido, dizer para você que isso é uma discussão fácil ela não é. O discurso de falar de agroecologia é uma coisa, falar de transgênico é outra, outra coisa é você vivenciar agora, a maioria não é o jovem é a sociedade, ela só acredita que a agroecologia dá certo a medida que você mostra alternativa e mostra produção, então pode ser uma coisa simples, não precisa de ir lá pra cafeicultura não (Monitor/a 2. Entrevista realizada pelo autor, agosto/2017).

A agroecologia como componente pedagógico é um fazer dialógico. Nas vivências, aulas e nos manejos ocorrem intensas trocas de conhecimentos assim como também o embate do paradigma de fazer agricultura ao modo convencional. Em diálogo com Leff (2002b), interpretamos que a agroecologia na Pedagogia da Alternância constitui-se da necessidade e da consciência de conceber a educação e a escola como projetos dentro do contexto social, ecológico, político e cultural onde se encontram os sujeitos da ação dos processos educativos. Com isso a agroecologia na escola é também uma

Reação aos modelos agrícolas depredadores, se configura através de um novo campo de saberes práticos para uma agricultura mais sustentável, orientada ao bem comum e ao equilíbrio ecológico do planeta, e como uma ferramenta para a autossustentabilidade e a segurança alimentar das comunidades rurais (LEFF, 2002a, p. 37).

Sendo assim a agroecologia pode ser entendida como um movimento de articulação constante de forças, nos mais diversos níveis, que contrapõem a lógica de dominação, expropriação, injustiça e degradação dos ecossistemas. A agroecologia passa então a ser uma luta cotidiana nos locais de trabalho, que envolve o acúmulo de trajetórias e histórias de vida de sujeitos que passaram por um processo de conscientização e tiveram a necessidade de construir a vida adicionando outros elementos preponderantes a sua realidade.

Pelo ato de ser agroecológica, está implícito o ato de denúncia ao modo de fazer agricultura convencional, pois a agroecologia denuncia práticas perversas do modelo hegemônico da agricultura, pelo simples ato de ser em sua multidimensionalidade,

social, ecológica e política. A perspectiva contrapõe a forma predatória e não ecológica que vem se expandindo no campo nas últimas décadas no país.

Em entrevista com a monitora 3, foi relatada pela mesma, que ao fazer uma atividade intitulada “*qual é o seu entendimento sobre a agroecologia?*”, com as turmas nas aulas de Extensão Rural, foi evidenciada que a característica da alimentação saudável apareceu em mais de 90% dos textos. Essa alimentação saudável também esteve descrita relacionada a boa saúde. Logo, o alimento agroecológico ganha conotação e se destaca dentre os outros alimentos convencionais, além disso,

A importância dos métodos da agroecologia para o manejo produtivo e sustentável dos recursos florestais e agrícolas radica na oferta potencial de recursos que pode gerar para melhorar as condições de subsistência dos milhões de camponeses e indígenas que se encontram em estado de desnutrição e pobreza extrema e excluídos das garantias da segurança e autossuficiência alimentar, devido à implementação de modelos produtivos que não consideram as condições ecológicas, sociais e culturais próprias dessas comunidades rurais. Neste sentido, os princípios da agroecologia oferecem a possibilidade de estabelecer práticas produtivas sobre bases ecológicas (LEFF, 2002a, p.45).

A agroecologia é uma negação do modo comumente encontrado de fazer agricultura em todos biomas, na qual é degradadora dos bens naturais, ela anuncia um novo, através do encontro de sujeitos e organizações em rede, em continuidade ao que já temos acumulado de saberes e de relação com o passado na Terra. A ciência, a técnica, o ensino-aprendizagem e os diversos movimentos que constroem a perspectiva são motores de dispersão do paradigma.

Entendemos a EFA Puris e a agroecologia como projetos em curso de libertação dos oprimidos (FANON, 2006; FREIRE, 1987), que estão em busca da liberdade e autonomia, ambos são frutos de organização e expressa uma r-existência, pois enquanto ambientes educativos, diversas são as formas de se produzir conhecimentos, nas quais essas experiências são oriundas do campo popular e dos agricultores. Trazem uma lógica da realidade cotidiana e do interesse em preservar a vida para as próximas gerações, esse é o anúncio declarado pela EFA Puris, como alternativas a racionalidade exploratória dos bens naturais, logo percebemos esse caso como uma proposta que vem da denúncia da opressão como Freire (1981) defendia.

A Alternância, “ao penetrar as práticas pedagógicas e educativas, contribui há algum tempo, para mexer nas ideias e estruturas vigentes” (GIMONET, 2007, p. 103). Refletir sobre as práticas alimentares e transição agroecológica tornam-se então em processo fecundo para as EFAs no sentido de tecer suas relações com a produção alimentar e a estrutura fundiária e social do atual modelo agrícola hegemônico.

Como defender a educação dos camponeses sem confrontar a lógica da agricultura capitalista que prevê sua eliminação social e mesmo física? Como pensar em políticas de educação no campo ao mesmo tempo em que se projeta um campo com cada vez menos gente? (CALDART, 2012, p. 263).

Como uma das alternativas a questão levantada por Caldart (2012), a Educação do Campo pode contribuir na transição de visão de mundo, através das práticas agroecológicas como alternativa de produção de alimentos saudáveis que recrie uma nova lógica social dando sentidos e valores diferenciados ao meio rural e mudando

gradativamente as práticas alimentares. Encontra-se na EFA Puris, diversas Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), como peixinho da hora, *ora-pro-nóbis*, capuchinha, taioba, almeirão, dentre outras que são usadas como alimentos na escola. Outro fato relevante é a importância dos bancos de sementes crioulas, na escola encontra-se uma estrutura construída para armazenar, trocar, distribuir e plantar sementes de diversas variedades.

Paludo (2012) avalia que a Educação do Campo pode ser também interpretada como ferramenta constitutiva de novas configurações de Educação Popular no Brasil, onde se avança nas metodologias de ensino para o grupo que a constroem de forma participativa e organizada, contrapondo as práticas tradicionais liberais que se fazem presente no campo das escolas.

A Educação do Campo é tema convergente tanto na Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) quanto na Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) que são organizações nacionais que mobilizam e articulam a agroecologia. Nessas duas organizações entende-se que a agroecologia é tida como prática, ciência e movimento. Esse entendimento também é debatido na EFA principalmente nas aulas de Agroecologia e de Extensão Rural, percebendo então a necessidade de articulação em diversas escalas configurando-se em redes organizativas almejando consolidar a agroecologia como princípio de uma educação do e para campo.

### **Considerações finais**

Em sua primeira década de história, consideramos que a EFA Puris é um lugar fundamental de se trabalhar a educação e agroecologia, uma vez que os estudantes vivem intensamente várias quinzenas durante três anos se deparando com debates, manejos e

iniciativas que colocam em questão a saúde e o ambiente a partir de uma alimentação de qualidade. Trabalhar a conscientização dos hábitos alimentares e da agroecologia é um árduo exercício.

Para além do caráter informativo de aulas expositivas, oficinas, projetos e inúmeras atividades são feitas no interior da escola, dando assim o caráter da práxis. Dentro do currículo existem as horas destinadas às atividades práticas de manejo, construções, abate de animais, dentre outras atividades que dão o caráter complementar na construção do conhecimento

Frigotto (2010) afirma que precisamos avançar e construir na educação uma perspectiva dialética e histórica para que se possa superar a separação entre educação, escola e sociedade, entre formação geral e específica e entre técnica e política. Percebemos essa necessidade sendo feita pela EFA Puris através dos IPs, os encontros, as oficinas, as intervenções externas, os estágios, e outros e no constante diálogo com os parceiros.

Como potencialidades relacionadas a temática da agroecologia, identificamos na EFA Puris: conscientização através do currículo da escola, que problematiza a monocultura, a degradação do solo e das águas, desmatamentos, os agrotóxicos e os transgênicos, formação coletiva tanto dos educandos/as como dos/as monitores/as, valorização do conhecimento popular, valorização dos manejos não convencionais e das experiências dos agricultores/as agroecológicos como horizonte a ser desenhado. Sendo a agroecologia uma questão socioambiental relevante, entendemos a importância de reflexão crítica deste tema na área da Educação.

### **Referências bibliográficas**

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BARDUNI FILHO, Jairo. *Namoro, disciplina e liberdade: problematizando afetividades e sexualidades em uma escola família agrícola*. Dissertação de mestrado da Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Rural. Programa de Pós-graduação em Extensão Rural. 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. p. 257-265.

DUARTE, Maria Rosânia; FREITAS, Ivanete; SILVA, Maria das Graças. Horta como fomento da biodiversidade agroecológica disseminando teoria e prática na EFA- Puris. In: VIII *Congresso Brasileiro de Agroecologia* – Porto Alegre/RS – 25 a 28/11/2013.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PURIS (EFA PURIS). *Proposta Político Pedagógica*. Araponga, 2008.

\_\_\_\_\_. *Regimento Escolar*. Araponga, 2009.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*, Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

FERRARI, Clara Teixeira. *Territórios e educação do campo nas Serras do Brigadeiro*. Dissertação de mestrado- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Viçosa. UFV. Viçosa. 2011.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra].* – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. *Extensão ou comunicação*. 10º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia*. 6ºed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Projeto societário contra hegemônico e educação do campo: desafios de conteúdo, método e forma. In: *Educação do Campo-Reflexões e Perspectivas*. Florianópolis: Insular, 2010. p.19-46.

GIMONET, Claude Jean. *Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs*. AIMFR –Associação Internacional dos Movimentos familiares de Formação Rural, Petrópolis. Paris: Vozes, 2007.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. *Agroecologia e desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v.3, n.1, jan/mar, 2002a. p.36-51

\_\_\_\_\_. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 3 ed., Universidad Nacional Autónoma de México, PNUMA, 2002b.

MESZÁROS, Istvan. *Educação para além do capital*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2005.

OLIVEIRA, Jaqueline Rocha. *Conhecimentos e práticas agroecológicas nas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs)*. Dissertação de mestrado da Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Rural. Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, 2014.

PACHECO, Júlio César de Almeida. *Intensidades e conexões de um sujeito em sua trajetória na complexidade do movimento das escolas famílias agrícolas*. Dissertação de mestrado da Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Programa de Pós-graduação em Educação, 2016.

PALUDO, Conceição. Educação Popular. In: CALDART, Roseli Salete et al.(org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. p. 280-285.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.



SILVA, Lourdes Helena Concepções & práticas de alternâncias na educação do campo: dilemas e perspectivas. *Nuances: estudos sobre Educação*. Ano XVII, v. 17, n. 18, jan./dez. 2010. p. 180-192.

VIEIRA, Luiz Henrique. *Expressões e multicomplexidades nos debates transversais sobre os alimentos: as experiências educativas da EFA Puris*. Dissertação de mestrado da Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Programa de Pós-graduação em Educação, 2018.

ZANELLI, Fabrício Vassalli. *Agroecologia e construção de territorialidades: um estudo sobre a criação da Escola Família Agrícola Puris de Araponga - MG*. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Curso de Graduação em Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.

Submetido em: 24 de setembro de 2019.

Devolvido para revisão em: 22 de janeiro de 2020.

Aprovado em: 05 de fevereiro de 2020.

**Como citar este artigo:**

VIEIRA, Luiz Henrique. Conscientização e agroecologia: processos educativos na EFA Puris de Araponga/MG. **Terra Livre**, v. 2, n. 53, p. 453-477, jul.-dez./2019.